

Como a Pandemia afetou negativamente os migrantes em Portugal?

O estudo “Populações Migrantes e Covid-19: percepções sobre o impacto da pandemia”, publicado pela ENSP (Escola Nacional de Saúde Pública) da Universidade de Lisboa, revelou que, dos 1096 migrantes residentes na Área Metropolitana de Lisboa sondados, mais de metade se encontrava numa condição financeira deteriorada comparativamente à sua situação antes da pandemia de Covid-19. 27,5% também declararam estar numa situação alimentar pior ainda.

O estudo avança também que, desde o início da pandemia, 55,8% dos migrantes viram os seus rendimentos mensais diminuídos. 53% sofreram um impacto negativo na sua atividade profissional e 32,4% estão em situação de desemprego. Este número parece-nos deveras elevado quando comparado à taxa de desemprego em Portugal. Pois, conforme as estimativas reveladas pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), a taxa de desemprego em Portugal atingiu o pico de 8,1% em agosto de 2020 e estabilizou-se até chegar aos 7,2% em janeiro de 2021.

Os dados do estudo

da ENSP mostram também desigualdades de género. De facto, 51,7% das mulheres migrantes encontram-se desempregadas ou em trabalho a tempo parcial, contra 40,5% dos homens. A esta temática junta-se também um assunto já discutido na nossa CAPMag do mês de março, onde comentamos que, segundo o gabinete McKinsey, “O risco de perder o emprego [durante a pandemia] é 1,8 vezes maior para as mulheres do que para os homens”. Abordámos também as diferentes medidas de isolamento que vieram assentar e amplificar uma área de desigualdade já existente entre homens e mulheres, que é a conciliação entre o trabalho, a vida familiar e condições de vida. Justificando, mais uma



« De facto, 51,7% das mulheres migrantes encontram-se desempregadas ou em trabalho a tempo parcial, contra 40,5% dos homens »

vez, que são as mulheres migrantes que mais reportam “um impacto negativo na sua situação laboral, financeira e alimentar”.

A pandemia também veio reforçar o preconceito, pois cerca de 23% dos inquiridos apontaram um agravamento desta experiência, especialmente sobre os que estão em situação irregular no país. Deste modo, a pandemia veio aumentar situações de estigma e discriminação na sociedade portuguesa perante os migrantes.

O estudo conclui que “os efeitos desproporcionais da pandemia sobre alguns grupos de migrantes podem ter intensificado desigual-

dades sociais e de saúde, com potencial impacto na sua integração e no seu bem-estar”. Esta conclusão confirma os dizeres de António Guterres, que afirma que a pandemia já reverteu décadas de progresso limitado e frágil relativamente à igualdade de género, aos direitos das mulheres, e por extensão aos direitos humanos em geral.

Sónia Dias, coordenadora do estudo, afirma que “é crucial intensificar os esforços nas

estratégias de ação dirigidas para mitigar os efeitos da pandemia nas suas condições de vida e de saúde, com enfoque na resposta às necessidades dos grupos mais vulneráveis”. Mesmo assim, 17,1%

reconhecem uma melhoria do apoio recebido por parte das organizações da sociedade civil durante a pandemia. Por fim, é também importante notar que a taxa de desemprego em Portugal desceu pelo segundo mês consecutivo, situando-se em 6,5%, nível mais baixo desde o início da pandemia. Esta taxa mostra que o mercado de trabalho está a recuperar devido ao processo de desconfinamento iniciado a 15 de março, prosseguindo com o plano de aberturas que permitiu impulsionar a atividade económica do país. ■

Elsa Macieira - Étudiante à Sorbonne-Université
capmag@capmagellan.org

Fontes: Lusa, Observador, INE - Photo : ©Marcus Castro

Brève

SPACE X: UM PORTUGUÊS NA EQUIPA DE THOMAS PESQUET

João Lousada, lisboeta de 32 anos, vive na Alemanha desde 2016 e é astronauta ao serviço do grupo GMV que coordena o centro Columbus. O português, cujo objetivo é candidatar-se a astronauta para a ESA (agência europeia), teve a oportunidade de dirigir o primeiro astronauta europeu, Thomas Pesquet, a voar na SpaceX em abril. A Primeira missão da ESA à Estação Espacial Internacional foi com a SpaceX, empresa privada que pertence a Elon Musk. O português também foi o diretor de

vo do módulo Columbus (lançado em 2008 e que custou 1,4 mil milhões de euros), que é o laboratório científico da ISS cujo controlo é feito a partir do Columbus Control Center, em Munique, na Alemanha. Assim, João Lousada aproxima-se cada vez mais do seu sonho e do sonho de todo o país : ver um português ir para o espaço ! ■

Elsa Macieira - Étudiante à Sorbonne-Université
capmag@capmagellan.org